

SER “A LÍNGUA”: EMPODERAMENTO E RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA A PARTIR DE *MALINCHE*, DE LAURA ESQUIVEL

Maria Inês Freitas de Amorim (UERJ)¹

Resumo: Na narrativa oficial da história da conquista do México, Hernan Cortés é considerado o conquistador, enquanto a nativa Malinalli, também nomeada como Malinche, ficou conhecida como a traidora dos povos mexicas. O romance *Malinche*, da escritora mexicana Laura Esquivel, busca reverter esta versão, recontando fatos históricos a partir da voz marginalizada: da mulher indígena. O presente trabalho busca destacar e analisar elementos do romance que indiquem o poder da tomada de voz da personagem Malinalli para se assumir protagonista da história.

Palavras-chave: Metaficção historiográfica; Literatura Latino-americana; Representação Feminina; (Re)construção Histórica.

As relações de poder que constituem a sociedade determinam padrões normativos. O direito a voz é centrado pelo grupo social que detém o poder, ou seja, os grupos hegemônicos. Tais grupos são representados pelo homem branco, oriundo do hemisfério norte ocidental, de classe social média ou alta. Desta forma, todos aqueles que em menos padrões normativos estão inseridos, mais marginalizados se encontram, e consequentemente, se tornam cada vez mais silenciados.

A voz da mulher dos países considerados periféricos, como os da América Latina, passa a ser ainda mais silenciada. Spivak (2010, p.85) defende que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” Além de uma voz silenciada, a representação da mulher “subalterna” passa por séries de estigmas e estereótipos. “A figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da ‘mulher do terceiro mundo’ encurralada entre a tradição e a modernização.” (SPIVAK, 2010, p.157).

Aquele que detém o poder da voz é o responsável por narrar a história oficial. Em um de seus aforismos, Nietzsche defende que “não existem fatos, apenas interpretações”. E a partir desta reflexão é possível afirmar que aquele que detém o poder é quem possui o monopólio da interpretação oficial dos fatos e, consequentemente, pode determinar quem são os heróis e quem são os vilões.

Seguindo as definições elaboradas por Linda Hutcheon (1991), considera-se que tanto Literatura quanto a História são construídas a partir de narrativas e a Metaficção

¹ Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (UFV) e em Letras (UFF). Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ). Email: mariainesfamorim@gmail.com

Historiográfica busca na poética da ficcionalidade formas de questionamentos da própria narrativa da História Oficial. Ao recriar narrativas, deslocando o protagonismo e mudando a perspectiva dos fatos narrados para as vozes femininas, as obras metaficcionais historiográficas contribuem para uma ampla reflexão sobre o que é ficção e do que é aceito como fato.

Dessa forma, o romance *Malinche*, da escritora mexicana Laura Esquivel, publicado originalmente em 2005, se propõem a apresentar uma forma de dar voz a mulher indígena: personagem marginalizada pela narrativa oficial, o que contribuiu para que uma nova forma de se pensar a história seja efetivada. Por isso, ao analisar esta narrativa é possível que seja (re)pensada a construção da História da América Latina.

Também vale destacar que a construção narrativa proposta pelo romance é resultado de processos tradutórios interculturais, uma vez que o texto literário é uma tradução realizada pela autora das vozes dos grupos representados. Há uma busca em resignificar a história desses personagens a partir de aspectos de suas identidades culturais, para que no texto esteja impresso o universo simbólico da voz representada na obra.

Em *Malinche*, a autora reconstrói a história da conquista do México pelos espanhóis e dominação dos povos mexicas a partir da perspectiva da nativa Malinalli, ou Marina, como foi batizada pelos cristãos ou Malinche como é conhecida, adquiriu o epíteto de “traidora” dos povos indígenas. Todorov defende que

Os mexicanos pós-independência geralmente desprezaram e acusaram a Malinche, que se tornou a encarnação da traição dos valores autóctones, da submissão servil a cultura e ao poder europeus. E verdade que a conquista do México teria sido impossível sem ela (ou outra pessoa que desempenhasse o mesmo papel), e que ela e, portanto, responsável pelo que aconteceu. Quanto a mim, vejo-a sob outra luz: ela e, para começar, o primeiro exemplo, e por isso mesmo o símbolo, da mestiçagem das culturas; anuncia assim o Estado mexicano moderno e, mais ainda, o estado atual de todos nós, que, apesar de nem sempre sermos bilíngues, somos inevitavelmente bi ou triculturais. (TODOROV, 1983, p.91-2)

Para o autor: “Todos concordam em reconhecer a importância do papel da Malinche. E considerada por Cortez como uma aliada indispensável, e isto é evidenciado pelo lugar que concede a intimidade física entre eles” (TODOROV, 1983, p.91).

É importante destacar, entretanto, que “Malinche significava algo como ‘o amor de Malinalli’” (ESQUIVEL, 2009, p.98), era uma nomenclatura atribuída a Cortés. No

texto *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España* Bernal Díaz del Castillo se refere a Malinalli com seu nome cristão, Marina, e a Cortés como Malinche quando reproduz diálogos entre o espanhol e as lideranças indígenas, como é possível perceber no seguinte trecho:

En aquel instante vinieron ocho indios tlascaltecas, de los que dejamos en el campo que no entraron en Cholula, y dijeron a Cortés: Mira, Malinche, que esta ciudad está de mala manera, porque sabemos que esta noche has sacrificado a su ídolo, que es el de la guerra, siete personas, y los cinco de ellos son niños, porque les dé victoria contra vosotros, y también hemos visto que sacan todo el fardaje y mujeres y niños. Como aquello oyó Cortés, luego les despachó para que fuesen a sus capitanes, los tlascaltecas, y que estuviesen muy aparejados si les enviásemos a llamar. (DÍAZ DEL CASTILLO, s/d, p.31)

Todorov, em seu livro *A Conquista da América*, ao apresentar esta personagem afirma:

Ela é dada de presente aos espanhóis, durante um dos primeiros encontros. Sua língua materna é o nahuatl, a língua dos astecas; mas foi vendida como escrava aos maias, e também domina a língua deles. Há, pois, no início, uma cadeia bastante longa: Cortez fala a Aguilar, que traduz o que ele diz para a Malinche, que por sua vez se dirige ao interlocutor asteca. Seus dons para as línguas são evidentes e em pouco tempo ela aprende o espanhol, o que aumenta sua utilidade. Pode-se supor que ela guardasse rancor em relação a seu povo de origem, ou em relação a uns de seus representantes; o fato é que escolhe decididamente o campo dos conquistadores. Com efeito, não se contenta em traduzir; e evidente que também adota os valores dos espanhóis, e contribui como pode para a realização dos seus objetivos. Por um lado, efetua uma espécie de conversão cultural, interpretando para Cortez não somente as palavras, mas também os comportamentos; por outro lado, sabe tomar a iniciativa quando necessário, e dizer a Montezuma as palavras apropriadas (especialmente no momento de sua prisão), sem que Cortez as tenha pronunciado anteriormente. (TODOROV, 1983, p.91)

A imagem de Malinalli ficou consagrada na construção da história da América, seu nome, inclusive originado adjetivo: “En oposición al *marianismo* aparece entonces el *malinchismo* centrado en la concepción histórico-cultural de la Malinche que serviera de nexo entre Cortés y el emperador azteca durante la conquista” (Corbatta, 2002, p.18)(Grifo nosso). Segundo Corbatta, a mulher pode ser identificada a partir de duas representações: o *marianismo*, ao ser relacionada com a Virgem Maria, quando assume uma posição de mãe, de mulher inserida no espaço privado e o *malinchismo*, como ocupa a esfera pública e representa a traição ao papel designado às mulheres, ou seja, de senhora do lar.

Apresentada como a traidora pelas narrativas oficiais, o romance se propõe a apresentar os pensamentos e sentimentos desta mulher, evidenciando suas crenças, sonhos e desejos. Apesar de uma obra de ficção, em *Malinche* Esquivel apresenta outra possibilidade de se pensar a construção da América, a partir de uma nova forma de interpretar a conquista e que papel cada personagem desempenhou.

Ao encarar a narrativa histórica a partir de uma única perspectiva reside o que a escritora Chimamanda Ngozi Adichie chama de “perigo de uma única história”. Segundo Adichie (2015): “é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder”.

A linguagem, portanto, se configura como a principal ferramenta para consolidar as relações de poder, sobretudo quando usada para construir narrativas que normatizam o masculino como o gênero neutro e universal. Desta forma, ao se tomar consciência de que “el lenguaje no es vehículo impersonal – neutro y general – que postula el discurso maestro masculino para defender su trascendente universalidad impuesta” (VELASCO MARÍN, 2007, p.551), se torna possível repensar as relações de poder, visando o empoderamento da voz silenciada.

Assim, o romance *Malinche* cumpre o papel de provocar reflexões sobre as interpretações da história oficial do México. Ao tomar a voz da personagem Malinali, dando o protagonismo a uma mulher na construção da história, Laura Esquivel deslocou o eixo do poder e contribuiu para reflexões sobre os conhecimentos instituídos e cristalizados no imaginário coletivo. Para Velasco Marín,

Para una mujer, tomar la palabra es ingresar a un cosmos donde la mayor parte de los discursos se encuentran controlados y regidos por reglas masculinas, sancionado por un modelo de representación que pone lo femenino como una categoría inferior y secundaria. (...) tanto el lenguaje como la escritura literaria y las normas culturales, llevan la huella de ese operativo de forzamiento institucional que subordina los textos a paradigmas de apreciación y recepción dictadas por una escala de valores sociomascuinos (VELASCO MARÍN, 2007, p.551-2)

Todas as formas de narrativa refletem a voz de quem detém o poder e busca construir as origens da nação. Para Adichie,

Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com "em segundo lugar". Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma

história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente. (ADICHIE, 2015)

A construção simbólica de uma identidade nacional é elaborada, portanto, a partir das histórias contadas para um povo, suas memórias e tradições. São elas que conectam os indivíduos que compartilham uma mesma cultura. É o que Benedict Anderson (1993) denomina de “comunidade imaginada”. O autor afirma que (1993, p.205), “si la nacionalidad tiene cierta aureola de fatalidad, sin embargo es una fatalidad integrada a la historia”.

Anderson também defende que um dos principais fatores que ligam uma comunidade é a língua compartilhada, uma vez que é a língua que estrutura seu imaginário. Para o autor (1993, p.205), “vista como una fatalidad histórica y como una comunidad imaginada mediante la lengua, la nación se presenta simultáneamente abierta e cerrada.” A comunidade é considerada aberta, pois tem a possibilidade de compartilhar seus símbolos com outros povos, e fechada, por possuir uma estrutura específica para realizar uma leitura do mundo, estruturada pelo sistema linguístico que utiliza.

Corroborando com essa ideia, Anzaldúa (2009, p.312) afirma que: “A identidade étnica e a identidade linguística são unha e carne – eu sou minha língua. Eu não posso ter orgulho de mim mesma até que possa ter orgulho da minha língua”. Ela também afirma que a liberdade de utilizar a língua é uma expressão da liberdade e da afirmação da legitimidade de uma identidade.

Desta forma, uma das maiores formas de demonstrar relações de dominação é pela imposição idiomática, pois mais do que obrigar um povo a se expressar a partir de um outro código linguístico, há a imposição de uma nova forma de estruturar o imaginário e a concepção do mundo. Segundo Femenías (2013, p.96): “(...) la pérdida de una lengua implica una pérdida de diversidad, de un sistema de conocimientos y de identidades; en fin, de una cosmovisión”. Ela também defende que a perda da língua materna constitui um processo de desidentificação para se adquirir uma nova reidentificação. E assim, “la destrucción de las estructuras lingüísticas identitárias contribuye a la destrucción de otras estructuras organizativas de los grupos y de las personas, influyendo en sus relaciones económicas pero sobre todo en su horizonte comprensivo y en su ethos” (FEMENÍAS, 2013, p. 98)

No romance *Malinche*, o narrador, ao apresentar as reflexões de Cortés sobre a dominação do povo mexica, afirma que

Ele sabia que não lhe bastariam os cavalos, a artilharia e os arcabuzes para conseguir o domínio daquelas terras. Esses nativos eram civilizados, bem diferentes daqueles da Hispaniola e de Cuba. Os canhões e a cavalaria surtiam efeito entre a barbárie, mas num contexto civilizado o ideal era obter alianças, negociar, prometer, convencer, e tudo isso só seria conseguido pelo diálogo, do qual se via provado desde o início. (...) Sem o domínio da linguagem, de pouco lhe serviriam as armas. Imaginou que seria a mesma coisa querer usar um arcabuz como garrote, em vez de dispará-lo. (ESQUIVEL, 2007, p.41)

A obra enfatiza a necessidade do conhecimento linguístico para a materialização do processo de conquista. Ao conhecer a língua do outro, todo um universo simbólico se torna mais inteligível e, desta forma, é possível se municiar para estabelecer e consolidar a dominação.

A facilidade em aprender o idioma do outro deu a Malinalli poder. Por conseguir se expressar em espanhol, ela foi instituída como a “língua”, ou seja, passou a desempenhar a posição de intérprete entre os mexicas e os europeus. A personagem tem consciência da importância das palavras e salienta a sua responsabilidade de servir de mediadora entre os dois povos,

Ser ‘a língua’ era uma enorme responsabilidade. Não queria errar, não queria se equivocar e não via como evitar, pois era muito difícil traduzir, de uma língua para outra, conceitos complicados. Ela sentia que, cada vez que alguém pronunciava uma palavra, viajava na memória de centenas de gerações. Quando alguém nomeava Ometeotl, o criador da dualidade Ometecihltli-Omecihuatl, o princípio masculino e feminino, instalava-se no momento mesmo da Criação. Esse era o poder da palavra falada. (ESQUIVEL, 2007, p.66)

Malinalli destaca todo o universo cultural que o sistema linguístico de um povo abarca. Da mesma forma, ela tem consciência da importância de ser dona da própria voz. Ela acreditava “que a palavra coloria a memória, semeava imagens cada vez que designava um nome” (ESQUIVEL, 2007, p.69). Ao entrar em contato com o idioma do conquistador, ela passa a compreender a cultura daquele povo, incutindo nela outros valores e crenças,

E, assim, como surgiam flores no campo quando recebiam água da chuva, aquilo que se semeava na mente dava frutos cada vez que a palavra úmida pela saliva da boca a nomeava. A ideia de um deus verdadeiro, eterno, apregoada pelos espanhóis, por exemplo, frutificou em sua mente, porque com autoridade fora semeada nela por seus antepassados. As coisas existiam quando eram nomeadas, umedecidas,

pintadas. Considerava a flor e o canto dádivas dos deuses, pois a vida existia por intermédio dela. Por obra e graça do senhor da dualidade, era possível pintar nas mentes de espanhóis e mexicas novas ideias, novos conceitos. (ESQUIVEL, 2007, p.69)

Ter o poder da fala é um mecanismo poderoso para transformar conceitos, criar ideias, partilhar reflexões. Da mesma forma que Malinalli se empodera ao perceber que “quem controla a informação, os significados, adquire poder” (ESQUIVEL, 2007, p.70), a voz da mulher latinoamericana deixa de ser silenciada a partir do momento que ela se expressa, sobretudo quando escreve textos que apresentam discussões sobre sua identidade enquanto mulher.

Ao se apoderar do sistema linguístico, o grupo marginalizado passa a apresentar sua perspectiva da realidade. O que é cristalizado como verdade, como norma e padrão, se torna objeto de questionamento. Anzaldúa em seu ensaio *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* conclama todas as mulheres, principalmente “as de cor”, para se tornarem escritoras, a apresentarem ao mundo quem são, o que sentem, o que pensam.

O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como ‘outro’ – o escuro, o feminino. Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado ‘normal’, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e, muito frequentemente, como resultado nos separamos de nós mesmas e entre nós. Desde então estamos buscando aquele eu, aquele ‘outro’ e umas as outras. E em espirais que se alargam, nunca retornamos para os mesmos lugares de infância onde o exílio aconteceu, primeiro nas nossas famílias, com nossas mães, com nossos pais. A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver. E aquelas que não sobrevivem? Os restos de nós mesmas: tanta carne jogada aos pés da loucura ou da fé ou do Estado. (ANZALDÚA, 2000, p.232)

A autora questiona a consolidação dos paradigmas, convidando todas as mulheres a reverterem os estereótipos e os cerceamentos da liberdade a partir do ato da escrita. O grupo marginalizado, desta forma, ao se apropriar da própria voz deixa de ser apenas representado pelos grupos hegemônicos e passa a se expressar, sendo agente que conduz a narrativa da própria história. Dialogando com estas ideias, Spivak (2010) defende que a intelectualidade deve permitir que o representado fale por si mesmo, que a verdadeira libertação ocorre quando o “subalterno” se apropria da voz do discurso.

Para o ‘verdadeiro’ grupo subalterno, cuja identidade é a sua diferença, pode-se afirmar que não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo. A solução do intelectual não é a de se abster da representação. O problema é que o itinerário do sujeito não foi traçado de maneira a oferecer um objeto de sedução ao intelectual representante. (SPIVAK, 2010, p.77-8)

Ao assumir sua voz, as mulheres têm a possibilidade de reescrever a história de opressão que vivencia. A Literatura é um importante território de produção de sentidos e significados. “El acto subjetivo de la lectura está condicionado por un conjunto de convenciones y estrategias que codifican los mensajes que la sociedad ha reunido y conservado.” (VELASCO MARÍN, 2007, p.553) Por outro lado, pelo texto literário é possível vincular novas ideias, que buscam desconstruir estigmas segregacionistas cristalizados na sociedade pelos grupos hegemônicos.

(...) uno de los objetivos de la crítica es replantear las practicas mediante las cuales una cultura ha guardado unos textos como memoria de su propio pasado o como la conservación de una identidad mantenida. El debate de la crítica se centra en gran parte en cuestionar la hermenéutica tradicional con el propósito de sujetar a escrutinio los métodos normativos, las totalizaciones y las universalizaciones. De ahí que la insistencia en desmitificar figuras históricas hasta ahora inamovibles, prácticamente santificadas, y de reconsiderar el estudio de periodos históricos cruciales, son ya reveladoras de una crisis en el consenso. (VELASCO MARÍN, 2007, p.553)

Desta forma, ao se dar voz aos grupos subalternos e a crítica literária incluir estas produções no cânone faz com que tais grupos tenham visibilidade. Ao serem vistos e apoderados de suas próprias vozes, constroem uma nova forma de entender a história, “desacralizando” conceitos e provocando uma revisão do papel de cada personagem.

O cânone literário é predominantemente composto por obras escritas por homens. Ocupando uma posição hegemônica, a voz masculina não compartilha com o ser feminino diversas questões, que extrapolam as diferenças biológicas. Durante séculos o pensamento social foi articulado a partir de uma perspectiva dicotômica, na qual colocava do lado masculino características como força, racionalidade e liderança, e do lado feminino fragilidade, sentimentalismo e delicadeza.

Esta separação binária entre os gêneros resultou em opressão, subjugação e silenciamento do feminino. Para reverter esta situação, o feminismo desempenhou um papel fundamental na desconstrução da estratificação dicotômica e instigou um importante debate acerca da liberdade e da autonomia entre homens e mulheres.

No romance *Malinche* apresenta reflexões sobre a estratificação de gêneros. Após ser contado mais um ato de violação de Cortés contra Malinalli, o narrador apresenta o sentimento da mexicana: “Uma mulher que, diferentemente do que podia esperar, sentiu alívio de recuperar sua condição de submissão, pois lhe era bem mais familiar a sensação de ser objeto a serviço dos homens do que ser criadora de seu destino” (ESQUIVEL, 2007, p.85). O trecho enfatiza o papel de submissão no qual a mulher, há gerações, é ensinada.

Apresentar uma perspectiva diferenciada da história oficial é uma estratégia para fazer com que outras vozes possam ser ouvidas. E com a percepção de que há múltiplos fragmentos na composição da história, é possível reavaliar a posição e a identidade que diversos personagens ocuparam.

Ao reescrever a história desta importante personalidade, Esquivel reconstrói não só uma possível biografia desta mulher, mas propõe uma mudança de pensamento sobre o papel do feminino enquanto gênero. Ao contextualizar a realidade na qual Malinalli está inserida é possível perceber o percurso de opressão no qual foi submetida. Uma passagem da obra na qual esta relação é apresentada é quando, após o domínio do povo asteca, o narrador apresenta os questionamentos e remorsos da personagem sobre o seu trabalho como tradutora

Fora educada para servir. Na qualidade de escrava, não fizera outra coisa a não ser servir seus senhores. E sabia servir com eficiência. Ao traduzir e interpretar, seguira as ordens de seus senhores espanhóis, a quem fora dada e a quem devia servir com presteza. Por algum tempo esteve convencida de que seus méritos como escrava, como criada, a ajudariam não só a obter sua ansiada liberdade mas também a conseguir uma mudança positiva para todos os outros. (ESQUIVEL, 2007, p.103)

A busca desta mulher escravizada é pela liberdade: “Tinha muitos desejos de viver em liberdade, de deixar de passar de mão em mão, de deixar de levar uma vida errante” (ESQUIVEL, 2007, p.73). Malinalli se torna escrava ainda criança:

O cheiro misturado das madeixas da pele de coelho e as penas de quetzal, folhas de feijão-de-guizo, ovos de tartaruga, mandioca, batata-doce com mel de abelha e baunilha fizeram-na recordar de repente o momento mais triste de sua infância. O dia em que sua mãe a cedeu a uns mercadores de Xicalango. Malinalli fora posta à venda como escrava precisamente em meio a todos esses aromas. (...) Doeu-lhe recordar que ofereceram muito mais por umas penas de quetzal do que por ela. (ESQUIVEL, 2007, p.131)

Anos mais tarde, já como membro da comitiva de Cortés, Malinalli reencontra a mãe. Mesmo pedindo perdão, a “língua” rejeita àquela que a vendeu e afirma: “naquele

dia decidiu que eu me tornaria escrava e me tirou a liberdade do coração e a imaginação do pensamento” (ESQUIVEL, 2007, p.156)

Ao ser nomeada tradutora, Malinalli acreditava que reconquistaria sua liberdade. Porém, a sede pela dominação e a ganância dos espanhóis em se apossarem dos tesouros autóctones, desejos estes incompreensíveis para a ela, resultaram no massacre de seu povo:

Ela tinha o poder de incluir os outros em suas palavras, em um mesmo objetivo, cobri-los, acolhê-los ou convertê-los em oponentes, em seres separados por ideias irreconciliáveis, em seres solitários, isolados, desamparados, tal como ela, que, na qualidade de escrava, sentira durante anos o significado de viver sem voz, sem ser considerada, excluída de qualquer tomada de decisões. (ESQUIVEL, 2007, p.71)

Apesar de não saber identificar exatamente o porquê, Malinalli se culpa, sobretudo acredita ser merecedora de castigo: “no seu íntimo sentira que deveria haver algo mau dentro dela, talvez pelo simples fato de ser mulher, ou talvez por outra coisa, mas sentia assim e assim vivia, como um castigo tremendo” (ESQUIVEL, 2007, p.104)

Malinalli também se pune e sente remorso por ter abandonado seu filho para acompanhar Cortés:

Culpou-se por contrariar seus desejos ao permanecer ao lado desse homem que despertava nela a maior das luxúrias: o desejo de poder, de ser diferente, única e especial. Sentiu vergonha, e uma dor profunda percorreu-lhe a coluna vertebral. O frio do sofrimento se interiorizava em seus ossos, tornando-se insuportável. Não se perdoou, não se contentou, não se apiedou de si própria. (ESQUIVEL, 2007, p.159)

Ao questionar Cortés sobre a vontade de voltar para o filho, este, que é pai da criança, busca consolidar seu poder dominador e relembra o papel de serva que Malinalli desempenha: “Não permita que seus sentimentos envenenem o sentido de nossas vidas e aceite que sua missão é ser simplesmente minha língua” (ESQUIVEL, 2007, p.161).

A verdadeira liberdade, entretanto, Malinalli só conquista quando apaga suas culpas e toma consciência de seu poder, não enquanto “língua”, mas como ser: “Malinalli, da mesma maneira que Quetzacoatl, tornou-se consciente de sua luz ao se defrontar com o lado obscuro. Sua vontade de unir-se ao cosmo fez desaparecerem os limites do corpo.” (ESQUIVEL, 2007, p.192)

Ao descobrir sua própria força e encontrar sua felicidade, Malinalli se sentiu finalmente livre. O encontro com sua própria identidade cultural, o autoperdão e a

tomada de consciência de sua importância enquanto sujeito garantiram o seu encontro consigo mesma, e desta forma, a conquista da sua liberdade.

Ao abordar estas questões em seu romance, Esquivel questiona a história oficial e a posição ocupada pela mulher neste discurso. Ao escolher uma personagem incorporada pelo imaginário popular como “vilã” e dar protagonismo a sua história, humanizando-a, a autora deixa aberto para questionamentos fatos históricos consagrados.

A mudança da voz que entoa o discurso é importante para a desconstrução de estigmas opressivos. A liberdade e o fim da subjugação são possíveis pela apropriação da perspectiva narrativa. A reescrita crítica da história possibilita que se reveja em que raízes um povo se formou.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma única história*. Trad. Erika Rodrigues. Disponível em <
http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br> Acessado em 20 jul 2015.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas – Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México DF: Colección Popular, 1993.

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Trad. Édna de Marco. Revista Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, 8(1): 229-36, 2000

_____. *Como domar uma língua selvagem*. Trad. Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos, Viviane Veras (revisão). Cadernos de Letras da UFF. Niterói, RJ: UFF, nº39, p.297-309, 2009.

CORBATA, Jorgelina. *Feminismo y escritura femenina en Latinoamérica*. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. Disponível em: < <http://biblioteca-electronica.blogspot.com>> Acessado em 10 ago 2015.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. Trad. Léo Schlafman, Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

FEMENÍAS, María Luisa. *El género del multiculturalismo*. Bernal/Buenos Aires: eUniversidad Nacional de Quilmes, 2013.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*; Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América - Questão do Outro*. Tradução de Beatriz Perrone Moi. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VELASCO MARÍN, María Adriana. La crítica feminista, el dedo en la llaga o el cuestionamiento al canon literario. In: GUARDIA, Sara Beatriz (ed). *Mujeres que escriben en América Latina*. Peru: Centro de estudios de la mujer en la Historia de América Latina (CEMHAL), 2007. p. 551-62.